

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NAS ÁREAS DAS PCHS PLANO ALTO E ALTO IRANI, SANTA CATARINA

Elaine Arnold¹
Ana Lucia Herberts²

RESUMO

A proposta desta comunicação é apresentar as ações educativas desenvolvidas no "Programa de Educação, Divulgação e Valorização Patrimonial", vinculado ao projeto "Arqueologia Preventiva na área de intervenção das PCHs Plano Alto e Alto Irani, SC", abrangendo os municípios de Xavantina, Faxinal dos Guedes, Arvoredo, Xanxerê no vale do rio Irani, Oeste de Santa Catarina.

As ações educativas tiveram como público-alvo a comunidade escolar, docentes e discentes, tendo como objetivo primordial sensibilizá-los sobre a importância da preservação e da valorização do patrimônio arqueológico local.

Foram desenvolvidas atividades ludo-pedagógicas, visita a sítio arqueológico, simulação de escavação, materiais didáticos e orientação dos professores dentre outros, além da elaboração de um *folder* de divulgação e *release* para a imprensa local.

Palavras-chaves: Educação Patrimonial, patrimônio arqueológico e arqueologia de contrato.

¹ Técnica de pesquisa na área de Educação Patrimonial na Scientia Consultoria Científica – Escritório Regional Sul e graduanda no curso de Pedagogia na UDESC.

² Mestre em História pela UNISINOS, doutoranda em História no PPGH – PUCRS e pesquisadora da Scientia Consultoria Científica – Escritório Regional Sul.

INTRODUÇÃO

O projeto “Arqueologia Preventiva na área de intervenção das PCHs Plano Alto e Alto Irani, SC” (SCIENTIA AMBIENTAL, 2005) foi desenvolvido entre os anos de 2005 e 2006, pela Scientia Consultoria Científica, abrangendo os Municípios de Xavantina, Faxinal dos Guedes, Arvoredo, Xanxerê e Xaxim, situados no vale do rio Irani, Estado de Santa Catarina.

O “Programa de Educação, Divulgação e Valorização Patrimonial”, vinculado ao projeto de arqueologia preventiva, foi desenvolvido nos Municípios de Xavantina, Faxinal dos Guedes e Arvoredo, por serem diretamente impactados pelo empreendimento, tendo como público-alvo os docentes e discentes desses Municípios.

Os objetivos do programa foram:

- a) sensibilizar o corpo docente e discente sobre a importância da preservação e valorização do patrimônio regional;
- b) contribuir para a identificação de uma identidade cultural, estimular o respeito à diversidade cultural; e
- c) divulgar os resultados das pesquisas arqueológicas realizadas na região.

As atividades educativas foram realizadas em duas etapas, contemplando a comunidade escolar dos Municípios citados. A Etapa I foi realizada no mês de julho de 2006, paralelamente às atividades de resgate arqueológico do sítio SC-AI-17³, e a Etapa II foi executada no mês de novembro do mesmo ano nos demais Municípios.

PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES

As Secretarias de Educação dos Municípios foram contatadas para a apresentação do Programa de Educação Patrimonial e o cronograma de atividades previsto. Nessa oportunidade, foi realizado o levantamento do universo escolar de cada município e a verificação da infra-estrutura das escolas para a realização das atividades (recursos audiovisuais).

Outras questões abordadas neste levantamento referiram-se ao conhecimento dos docentes em relação ao tema Arqueologia e Patrimônio, além dos conteúdos que estavam sendo tratados em sala de aula. Estas informações foram importantes para direcionar o planejamento das atividades educativas pela equipe de Educação Patrimonial.

³ Sítio SC-AI-17 – sigla adotada para o registro do sítio junto ao Cadastro Nacional de Bens Arqueológicos - CNSA do IPHAN. SC - Sítio localizado no Estado de Santa Catarina, AI - região de Alto Irani e 17 número de registro do sítio.

ETAPA I: Atividades de Educação Patrimonial realizadas junto a Escola Reunida Santa Teresinha, Município de Arvoredo

Nesta etapa, as atividades realizadas envolveram ações educativas aplicadas aos discentes e docentes da Escola Reunida Santa Teresinha, situada na comunidade de Santa Teresinha, Município de Arvoredo. A escola contava em seu quadro com duas professoras, nove alunos de séries iniciais (Pré-escola) e 25 alunos do ensino fundamental (1ª a 4ª série - multiseriada)⁴. Esta escola foi escolhida para a realização das atividades por estar situada próximo ao sítio arqueológico em escavação (SC-AI-17), o que possibilitava envolver a comunidade e socializar os procedimentos utilizados pelos pesquisadores para o estudo dos vestígios arqueológicos.

As ações foram planejadas em três fases, de acordo com o público-alvo. A primeira fase constou de atividades dirigidas às professoras, com a apresentação de informações sobre a ciência Arqueologia, de noções de Patrimônio Cultural e Educação Patrimonial.

Para a segunda fase, envolvendo os discentes da pré-escola, foi aplicada uma atividade lúdica envolvendo pintura, com um tema livre a ser interpretado, posteriormente, pelas crianças do Ensino Fundamental.

Na terceira fase, envolvendo os alunos de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental, foi desenvolvida uma oficina com atividades ludo-pedagógicas elaboradas com base em Murcia (2005), Fantin (2000) e Bezerra de Almeida (2002) incluindo a visita a um sítio arqueológico da região.

A atividade da fase I, envolvendo as professoras, foi realizada nas dependências da Secretaria de Educação do Município, tendo como temática norteadora, a instrumentalização destas quanto à Arqueologia, o Patrimônio Cultural e Educação Patrimonial (FARIAS, 2001).

Na ocasião, foi exibido o vídeo “A arqueologia vai à Escola: uma experiência com escavação simulada” (BEZERRA DE ALMEIDA, 2001), como exemplo e demonstração da escavação simulada, que seria aplicada aos alunos na seqüência dos trabalhos. Após a projeção do vídeo, foram sanadas dúvidas e distribuída uma coletânea de textos selecionados sobre as temáticas abordadas no encontro. Este material de apoio, composto por trechos extraídos de livros e artigos, visou suprir as professoras com material que servisse para o ensino em sala de aula. (ATAÍDES *et al.*, 1997; MORLEY, 1992; ITAQUI, VILLAGRÁN, 1998; VERSIGNASI, 2002; e STALLYBRASS, 2000).

À professora da turma de 1ª a 4ª série, foi solicitada a aplicação de um questionário baseado em Bezerra de Almeida (2002), que procurava verificar, por meio de perguntas, a

⁴ Algumas escolas ainda apresentam classes multiseriadas que são formadas por alunos de 1ª a 4ª série, em uma mesma sala, com um único professor.

noção dos alunos sobre a arqueologia e preservação, tratando “de um universo com três dimensões: a informação, a representação e a atitude” (MOSCOVICI *apud* BEZERRA DE ALMEIDA, 2002, p. 93). Além disso, tinha por objetivo constatar o antes e o depois das atividades de Educação Patrimonial, podendo, dessa forma, avaliar se havia alteração da percepção inicialmente verificada.

A forma encontrada para incluir os alunos do pré-escolar nas atividades, chamada de fase II, foi envolvê-los na atividade de pintura em vasilhas de cerâmica, que serviriam, posteriormente, de material para a escavação simulada junto à turma de 1ª a 4ª série.

Para esta ação foram abordados temas sobre a família (casa, pais, irmãos, parentes etc.), que estavam sendo trabalhados pela professora. Como material de apoio, foram utilizados vasilhames de cerâmica, giz de cera, pincéis e tinta guache. Cada aluno recebeu uma vasilha com o objetivo de representar os membros da família. A escolha das cores das tintas (preto, vermelho e branco), baseou-se nos tons possivelmente utilizados pelos grupos indígenas no passado.

Na Fase III, referente aos alunos do Ensino Fundamental, realizaram-se diversas atividades programadas em dias diferentes, buscando propiciar uma seqüência no ensino-aprendizagem. Estas atividades iniciaram com uma oficina e culminaram com uma visita guiada à escavação de um sítio arqueológico.

A oficina iniciou com uma aula expositiva, com auxílio de lâminas e retro-projetor, utilizando uma história em quadrinhos, com texto e imagens adaptadas do gibi “Arqueologia: uma viagem ao passado” (HERBERTS; COMERLATO, 2003), que trata sobre o trabalho do arqueólogo (campo e laboratório), o que compreende um sítio arqueológico, onde podem ser encontrados e quais são suas principais características.

Posteriormente, foi realizada uma atividade prática por meio da execução de uma escavação arqueológica simulada, buscando fornecer uma experiência prática da pesquisa arqueológica para a fixação dos conceitos apreendidos em sala de aula.

A escavação simulada procurou demonstrar às crianças a experimentação de uma das atividades de campo do arqueólogo, preparando-as para um melhor entendimento dos procedimentos empregados no resgate do sítio arqueológico durante a visita ao mesmo.

Para a escavação arqueológica simulada, foram utilizadas três caixas de madeira⁵ de 1m² com 20 cm de altura. As caixas foram preenchidas com areia para facilitar a escavação.

Nestas caixas foram enterradas as vasilhas pintadas pelos alunos do pré-escolar.

Os alunos foram divididos em três equipes, por meio do sorteio iconográfico⁶, representando

⁵ Foram adotadas caixas de madeira com 1m², já que esta medida corresponde ao menor espaço delimitado, respeitando a metodologia utilizada pelos arqueólogos na escavação do sítio arqueológico.

⁶ Sorteio iconográfico: sorteio realizado a partir de cartões coloridos com imagens referentes aos equipamentos utilizados pelos arqueólogos nas pesquisas de campo. Após a distribuição, em que cada aluno recebeu um cartão, as equipes foram formadas

as diversas ferramentas utilizadas pelos arqueólogos no trabalho de campo. Na oportunidade, foi discutida qual a função de cada um dos equipamentos representados e utilizados pelo arqueólogo na pesquisa de campo.

Na seqüência, os alunos realizaram a escavação simulada, que consistiu na descoberta e evidenciação dos objetos enterrados, com a retirada cuidadosa do solo. O passo seguinte foi o registro, através de desenhos, dos objetos encontrados na caixa de areia. Como material de apoio para esta atividade, foram utilizados, além das caixas de areia, pincéis, pás pequenas de plástico (tipo pá de lixo), pranchetas e lápis.

Após a escavação simulada, os alunos retornaram à sala de aula, em que se salientou a importância da preservação do patrimônio arqueológico e quais os critérios empregados pelos arqueólogos na coleta dos artefatos arqueológicos. Fez-se, ainda, recomendações de como proceder quando encontrassem algum vestígio ou soubessem de algum achado arqueológico, destacando a importância do arqueólogo neste trabalho e a respectiva preservação dos sítios.

Em seguida foi desenvolvida a atividade chamada “Baú da Arqueologia”. Esta atividade consistiu na apresentação de um baú de vime no qual havia peças arqueológicas reais (fragmentos cerâmicos e artefatos líticos), de uma coleção de referência com fins educativos, material este, sem procedência e sem interesse científico. O objetivo principal desta atividade foi proporcionar às crianças a observação e o manuseio dos artefatos arqueológicos. Por meio deste material, elas puderam perceber quais os vestígios mais freqüentes nos sítios arqueológicos da região. Após a explicação e visualização do material, cada aluno escolheu o objeto que mais lhe interessou e o registrou através de desenho.

Como encerramento da oficina, foram distribuídos aos alunos caça-palavras para serem coloridos, com o objetivo de fixar os conceitos trabalhados.

Num segundo momento, os alunos foram guiados ao sítio arqueológico SC-AI-17 para observar e participar do ambiente da pesquisa arqueológica. Inicialmente, receberam orientações e informações sobre o sítio. O roteiro incluiu visitas às quadrículas que estavam sendo escavadas no sítio, onde os estagiários responsáveis mostraram o material arqueológico coletado e responderam às perguntas das crianças. Após as explicações, os alunos ficaram à vontade para percorrerem a área de pesquisa e explorarem aquilo que havia chamado mais a atenção.

Durante a visita, os alunos dividiram-se entre a observação da escavação das quadrículas, acompanhando o trabalho de peneiramento do solo, triagem do material na peneira e a identificação dos vestígios arqueológicos coletados. Alguns alunos executaram as etapas de

triagem e identificação das coletas, sempre sob orientação dos membros da equipe de arqueologia.

Ao final das atividades, foi realizada a avaliação e fixação do conhecimento apreendido com a aplicação do mesmo questionário respondido no início das atividades do dia anterior. A partir deste, seria possível verificar se houve alguma alteração na percepção dos alunos em relação à visão que tinham do arqueólogo e da arqueologia, ou seja, o antes e o depois das ações educativas. Da mesma forma que o inicial, o questionário final também foi aplicado pela professora responsável e entregue à equipe de arqueologia no dia seguinte ao da visita.

AValiação DAS ATIVIDADES DA ETAPA I

O ato de avaliar a execução das ações educativas é muito importante para melhor planejar a seqüência do programa educativo, corrigir possíveis falhas e, sobretudo, aperfeiçoar as futuras atividades de Educação Patrimonial. A avaliação deve ser realizada em vários estágios, tanto pelo corpo docente e discente envolvido nas atividades quanto pela equipe responsável pelo programa em relação ao alcance dos objetivos, destacando os resultados positivos e identificando os pontos para aperfeiçoamento.

Nas ações junto aos alunos do Ensino Fundamental, estavam previstas as atividades de coleta, limpeza e reconstrução dos fragmentos de vasilhames cerâmicos provenientes da escavação simulada, cujos cacos estavam misturados nas caixas de areia. Os vasilhames deveriam ter sido quebrados após a secagem da pintura e usados na escavação simulada. Estes fragmentos propiciariam subsídios para a simulação de atividades de laboratório, como por exemplo, a remontagem dos vasilhames para análise, tentando identificar quais eram os desenhos pintados, quem eram os seus autores e o significado das representações (HORTA *et al.*, 1999).

No entanto, várias foram as dificuldades enfrentadas que impossibilitaram a execução da atividade conforme o previsto. Em primeiro lugar, os alunos do pré-escolar quiseram levar para casa os vasilhames pintados e mostrá-los aos pais, guardando-os como lembrança, inviabilizando a seqüência prevista de atividades simuladas em laboratório, como a remontagem das peças, já que diante desta situação, as vasilhas não poderiam ser fragmentadas.

A segunda dificuldade enfrentada foi detectada no momento da aula expositiva, em que os alunos do Ensino Fundamental já tinham conhecimento das pinturas dos vasilhames cerâmicos realizada pela turma das séries iniciais, o que, portanto, não propiciaria o elemento surpresa pretendido na etapa de análise em laboratório.

Com relação às perguntas empregadas nos questionários, percebeu-se que as mesmas não foram interpretadas em sua totalidade. Atribui-se este resultado, por um lado, ao uso da linguagem diferenciada à realidade da região e, por outro, por terem sido aplicadas pelas professoras sem acompanhamento da equipe de arqueologia. O objetivo principal era evitar que os alunos fossem influenciados pela presença da equipe ao responderem as perguntas. A intenção era averiguar o quanto os alunos sabiam a respeito da arqueologia e, ao final, as perguntas serviriam como avaliação da apreensão dos conceitos, além de exercício de fixação e fechamento do assunto.

Muitos dos alunos não possuem televisor em suas casas e o vínculo atribuído à arqueologia e a personagens como “Indiana Jones” não foram percebidos. Além disso, ficou evidente o fato de que o personagem “Indiana Jones”, tão popular há alguns anos, é muito antigo para as crianças que participaram das atividades, não constituindo mais uma referência de profissional de arqueologia para esta faixa etária. No questionário inicial, apenas cinco alunos disseram conhecer arqueólogos através da TV, sem mencionar mais informações. No entanto, ao estabelecer o diálogo com a turma durante a exposição teórica, não foi percebido nenhum relato relacionado ao personagem ou a paleontologia, normalmente citada e vinculada à arqueologia.

Embora os alunos conhecessem artefatos arqueológicos fortuitamente encontrados na região, as atividades práticas aplicadas proporcionaram o primeiro contato com o universo da pesquisa arqueológica, reforçando a importância da preservação.

Mesmo diante das dificuldades enfrentadas, o objetivo principal das atividades foi alcançado, que era informar as crianças sobre a arqueologia e a atividade do arqueólogo, além de envolvê-las e sensibilizá-las para a importância da preservação do patrimônio arqueológico regional. Embora não tenha existido maior tempo para o amadurecimento das questões tratadas, percebeu-se na avaliação dos questionários, uma alteração positiva na percepção das crianças em relação ao que é patrimônio arqueológico, sobre esta ciência e o trabalho do arqueólogo. Nas perguntas realizadas para aferir se havia mudado algo do que se pensava ou se sabia a respeito da arqueologia, a maioria dos alunos respondeu positivamente, relatando que havia mudado o conceito que possuíam antes das atividades. Um aluno da 3ª série escreveu: “mudou, agora eu sei que é estudar o passado”.

ETAPA II: Atividades realizadas em diferentes Municípios

As atividades da Etapa II foram executadas de modo distinto da etapa anterior, em virtude da quantidade de escolas a serem contempladas pelas ações educativas e diante do encerramento do resgate dos sítios arqueológicos, não havendo, portanto, a possibilidade de visitas guiadas às escavações. Deste modo, as atividades foram elaboradas para

ocorrerem exclusivamente no espaço da sala de aula, sem envolver o auxílio e a infraestrutura externa das escolas, possibilitando maior agilidade em seu desenvolvimento.

Outro aspecto que diferenciou a metodologia desta segunda etapa foi o material utilizado na exposição teórica. Com o objetivo de padronizá-lo, diante da dificuldade de infra-estrutura e recursos audiovisuais por parte de algumas escolas, buscou-se utilizar o mesmo material em todos os Municípios.

Nesta etapa, assim como na anterior, foi distribuída uma coletânea de textos selecionados, sobre preservação do patrimônio, educação patrimonial e arqueologia, assim como sugestões de atividades para serem desenvolvidas, envolvendo a temática patrimônio. Além disso, as atividades foram precedidas pela aplicação do questionário a respeito da percepção de patrimônio (BEZERRA DE ALMEIDA, 2002).

Inicialmente, foi realizada a dinâmica de grupo, denominada “História dos objetos e a relação com a arqueologia”, baseada na proposta de Ramos (2004, p. 32) que sugere a escolha de um “objeto gerador” para motivar reflexões e

[...] perceber a vida dos objetos, entender e sentir que os objetos expressam traços culturais [...] tal exercício deve partir do próprio cotidiano, pois assim se estabelece o diálogo, o conhecimento do novo na experiência vivida: conversa entre o que se sabe e o que se vai saber [...].

Neste sentido, foi solicitado à turma que escolhesse um objeto em suas mochilas, bolsas, bolsos ou no ambiente da sala de aula e que os organizassem e os colocassem reunidos. As equipes foram divididas em pequenos grupos de no máximo cinco integrantes, conforme a quantidade de alunos presentes em classe. Cada grupo, utilizando a imaginação, criou uma narrativa a partir do conjunto de objetos escolhidos, sobre o modo de vida; quem poderiam ser as pessoas (ou pessoa) que utilizavam aqueles objetos escolhidos; qual a história e o contexto histórico em que estão inseridos (cultura) etc., procurando, a partir dos objetos selecionados, responder questões como: Quem são? O que fazem? Qual o significado ou importância deste objeto para estas pessoas?

A partir desta narrativa, objetivou-se demonstrar como o arqueólogo trabalha, analisando os artefatos do passado para compreender o modo de vida de quem os usou; qual a importância da ciência e sua metodologia para a reconstituição do modo de vida e da cultura dos povos que viveram no passado.

Ao mesmo tempo, buscou-se fazer com que os alunos percebessem a diferença entre a narrativa no modo da ficção, por eles produzida, e os dados gerados pela ciência. Portanto, a intenção foi fazer uma ligação entre os objetos do seu cotidiano e o estudo dos mesmos, buscando “potencializar o campo de percepção diante [destes], por meio da ‘pedagogia da pergunta’, [...] aprender a refletir a partir da ‘cultura material’” (RAMOS, 2004, p. 28). A partir

da dinâmica de grupo, foram utilizadas pranchas iconográficas⁷ como recurso para a explanação da metodologia e das práticas arqueológicas, realizando a relação entre a narrativa criada pelos alunos, abordando os seguintes temas:

- a História dos objetos e a relação destes com o homem;
- a relação dos objetos com a Arqueologia;
- conceito de Arqueologia;
- como é o trabalho do arqueólogo (campo e laboratório);
- o que é sítio arqueológico e os tipos de sítios da região;
- onde se encontram os sítios e suas principais características; e
- preservação do patrimônio arqueológico.

Na seqüência, foi realizada uma atividade prática, ainda em equipe, com a execução de uma escavação arqueológica simulada, que objetivava a fixação dos conceitos apreendidos no exercício anterior e buscava proporcionar às crianças a experimentação do dia-a-dia do arqueólogo em uma escavação, embora as atividades deste, não se restrinjam somente a esse tipo de pesquisa.

Baseada na experiência de Machado (2004), a partir de uma caixa-sítio (caixa de papelão e papel picado em diferentes cores para diferenciar as camadas arqueológicas), foram dispostos objetos arqueológicos⁸ (louças, fragmentos de cerâmica, material lítico, dentre outros) do mesmo período em cada caixa, produzindo assim registros de “sítios” diferentes.

Logo após, as equipes realizaram a escavação simulada que consistiu na descoberta e evidenciação dos objetos “enterrados”, com a retirada dos papéis, tomando cuidado e seguindo a metodologia análoga à utilizada pelo arqueólogo no trabalho de campo.

A etapa seguinte passou ao registro, através do desenho dos objetos encontrados na caixa-sítio, culminando com a coleta e análise destes, assim como a constatação da diferença existente entre os objetos de cada sítio pesquisado pelas equipes.

No encerramento da oficina, foram aplicadas as perguntas baseadas em Bezerra de Almeida (2002), com o objetivo de fixar as informações e os conceitos trabalhados.

Finalmente, foi entregue a cada aluno o *folder* intitulado: “Arqueologia nas PCHs de Plano Alto e Alto Irani” e a folha de atividades contendo um caça-palavras para colorir e um enigma arqueológico, buscando a fixação do conteúdo apreendido.

⁷ As pranchas iconográficas são cartazes em material resistente com tamanho de 50 x 65 cm, elaborado com perguntas e imagens que facilitam o diálogo e servem como material paradidático.

⁸ Foram utilizados materiais da coleção de referência da empresa, que em grande parte é proveniente de acervos particulares sem contextualização arqueológica, doadas à empresa em trabalhos de campo.

AValiação DAS ATIVIDADES DA ETAPA II

Reiterando a importância do ato de avaliar a execução das ações educativas como forma de aperfeiçoamento para futuras atividades de Educação com o patrimônio, objetivou-se realizar a mesma avaliação utilizada na etapa anterior. Esta foi feita em vários estágios, tanto pelo corpo docente e discente envolvidos nas atividades, quanto pela equipe responsável pelo programa em relação ao alcance dos objetivos, destacando os resultados positivos e identificando os pontos para aperfeiçoamento.

Após a avaliação das atividades realizada na Etapa I, algumas ações foram modificadas em virtude dos aspectos observados, tanto no universo escolar, quanto na região trabalhada, a saber: 1) realidade econômica e social das comunidades visitadas; 2) linguagem utilizada pelos alunos; e 3) intervenção das professoras no processo de avaliação antes e depois das atividades (auxílio nas respostas dos questionários aplicados).

Diante disso, pode-se avaliar que poucas foram as dificuldades encontradas na execução das atividades nesta etapa, embora algumas ações tenham sido adaptadas. A saber: 1º) as fichas de campo foram preenchidas em equipe e não individualmente, diante da dificuldade de escrita de alguns alunos que ainda cursavam a 1ª série do Ensino Fundamental⁴; e 2º) a análise dos objetos pesquisados após a atividade de escavação simulada foi realizada sem o auxílio do formulário individual que havia sido produzido, tendo o objetivo de enriquecer a discussão, fomentando perguntas e participação dos alunos. Portanto, ocorreu de forma oral e com a socialização em grande grupo. Tais adaptações foram consideradas como adequadas e eficazes no desenvolvimento da atividade em sala de aula.

Quanto às perguntas empregadas antes e depois das ações, como forma de avaliação do conhecimento a respeito da arqueologia, nesta etapa, estas foram aplicadas pela equipe de Educação Patrimonial, o que favoreceu um maior controle sobre a interpretação e garantindo o retorno sem influências e sugestões a respeito de uma “resposta correta”. Dessa forma, procurou-se mostrar que o conhecimento é construído e que não existe a obrigação em “saber a respeito de tudo”, e sim, que os alunos estejam dispostos e motivados a aprender. Um aspecto observado e considerado pela equipe muito importante foi a grande dificuldade dos alunos diante da possibilidade de responder “não sei” às perguntas formuladas.

Nas questões mais específicas, verificou-se que a definição do que é a arqueologia era desconhecida para a maioria dos alunos, assim como para alguns professores. Além disso, não identificamos uma imagem estereotipada do arqueólogo, vinculando ao personagem “Indiana Jones”, assim como mencionado e identificado por Bezerra de Almeida (2002). É preciso entender, no entanto, como mencionado anteriormente, que este personagem é

muito antigo para a faixa etária das crianças que participaram da atividade, e nenhum outro o substituiu na mídia desde então. Outro aspecto observado também, foi a inexistência da relação entre paleontologia e a arqueologia, vinculando fósseis e dinossauros a esta última.

COMPARAÇÃO E AVALIAÇÃO DA METODOLOGIA DA ETAPA I E ETAPA II

Nas etapas I e II, dois conjuntos distintos de atividades constituíram a metodologia empregada, realizadas em períodos diferentes, embora norteadas por objetivos comuns.

Diante disso, é possível avaliar comparativamente as ações da Etapa I como eficientes, porém não tão eficazes; ao contrário da Etapa II em que todas as ações foram eficientes e eficazes. Esta avaliação foi realizada ao confrontar, por exemplo, o tempo empregado em ambas as etapas e o resultado obtido a respeito da compreensão dos conceitos e dos temas abordados.

Na primeira fase, houve um convívio maior com os alunos e as atividades foram desenvolvidas ao longo de uma semana. Já na segunda etapa, as atividades foram concentradas e realizadas em um único encontro. Isto demonstra que na Etapa I, mesmo com maior tempo disponível, não foi suficiente para que os conteúdos tenham sido compreendidos em sua totalidade.

Chegou-se a esta conclusão baseada na percepção e na participação dos alunos, assim como, na interação entre eles no momento da escavação simulada, onde os princípios explicados são reforçados e colocados em prática.

Percebeu-se, também, que a falta do contato direto da equipe de Educação Patrimonial com os alunos e com a realidade escolar da região na fase de levantamento (linguagem, situação sócio-econômica, dentre outros), comprometeu a eficácia das ações na primeira etapa.

Na segunda fase, munidos da avaliação realizada na etapa I, foi possível adequar todas as atividades para a realidade a ser trabalhada. Neste aspecto, levou-se em consideração não só as informações a respeito de faixa etária, dos currículos, dos temas abordados pelos professores, mas todos os aspectos mencionados anteriormente.

Desta forma, considera-se primordial em futuros levantamentos do universo escolar realizar alguma forma de observação ou de contato com o público-alvo para melhor avaliar o contexto, antes do desenvolvimento das ações de Educação Patrimonial, para que todos os aspectos identificados sejam considerados no momento do planejamento das atividades e na produção do material para esse público.

Embora a avaliação com os docentes tenha sido feita oralmente, como sugestão para atividades posteriores de Educação Patrimonial, propõe-se a criação de um questionário de avaliação para o professor que acompanha as atividades, aferindo sobre a metodologia

utilizada, o tempo empregado, os resultados e demais questões pertinentes. Este questionário poderá servir como instrumento de avaliação dos docentes em relação à atuação da equipe de Educação Patrimonial.

OUTRAS ATIVIDADES

Além das atividades anteriormente apresentadas, foi produzido um *folder* com o intuito de divulgar as pesquisas arqueológicas realizadas na região em virtude do empreendimento, abordando a importância da preservação do patrimônio arqueológico. O material foi elaborado em linguagem acessível, para distribuição ao público da região durante as atividades educativas.

O *folder*, intitulado “Arqueologia nas PCHs de Plano Alto e Alto Irani” contém esclarecimentos sobre o licenciamento ambiental e os resultados produzidos sobre a arqueologia regional. Além disso, apresenta a definição sobre essa ciência, os sítios arqueológicos, a pesquisa de campo e o trabalho em laboratório. Aborda, ainda, o que fazer quando ocorre uma descoberta arqueológica fortuita e qual local procurar para obter mais informações.

A tiragem foi de 2.000 exemplares de distribuição gratuita e buscou atender a comunidade escolar, assim como as instituições regionais, como veículos de informação local.

Foi elaborado, ainda, um *release* sobre as ações realizadas para a divulgação em jornais da região (FOLHA REGIONAL, 2006 e JORNAL SUL BRASIL, 2006).



Detalhe de um aluno realizando o registro do objeto escavado.

Foto: Elaine Arnold. Acervo: Scientia Consultoria Científica.



Visita ao sítio arqueológico SC-AI-17, onde os alunos conheceram o trabalho de escavação arqueológica.

Foto: Denise Argenta. Acervo: CEOM / UNOCHAPECO.


RESPONDA AS PERGUNTAS: *Luana 3ª série*

- 1) Qual é a primeira imagem ou palavra que vem à sua cabeça quando ouve a palavra "Arqueologia"? *casas antigas*
- 2) Você conhece algum arqueólogo? *Sim*
- 3) O que faz um arqueólogo? *Procurar coisas antigas*
- 4) Para que serve a arqueologia? *Para estudar coisas antigas*
- 5) Você já ouviu falar de algum trabalho em arqueologia no Brasil? *Sim*
- 6) Qual seria sua primeira atitude ao encontrar um objeto enterrado? *Estudar ele*

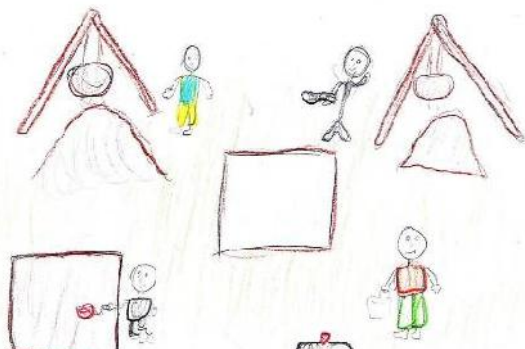
Exemplo de ficha preenchida da pré-avaliação, com perguntas sobre o conhecimento dos alunos a respeito da arqueologia e a noção de preservação.

Luana 3ª série

Olé! Que bom ver você novamente! Agora que já crescemos de ser arqueólogo e visitamos um sítio arqueológico, vamos responder essas perguntas!



- 1) O que você acha que é Arqueologia? Mucou alguma coisa do que você pensava antes? *Trabalho que se faz no passado. É estudar*
- 2) Você sabe o que faz um arqueólogo? *Procurar coisas antigas*
- 3) Para que serve a Arqueologia? *Para estudar o passado*
- 4) Qual seria sua atitude ao encontrar um objeto enterrado? *Eu guardo*
- 5) O que você mais gostou nas atividades? *De trabalhar*
- 6) Desenhe ou escreva o que viu no sítio



Exemplo de ficha preenchida com perguntas baseadas em Bezerra de Almeida (2002), com objetivo de fixar as informações e os conceitos trabalhados, além de registrar a impressão do aluno sobre as atividades executadas.

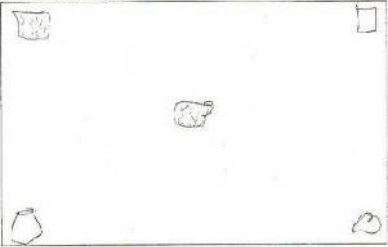
SITIO TRAVIZAM

FICHA DE REGISTRO - ESCAVAÇÃO

Nome: Suzien Alvez, Isom, Ediane e Ana Sêrio: _____ Idade: _____

Deseñe - observação


O!!!
Vamos registrar o que você encontrou na escavação!!
Deseñe se lembre o que você está vendo.



Registro da observação

Escreva tudo o que você está vendo: qual é a cor da terra? A cor muda? Você encontrou algum objeto ou peça? Quantos são? De que forma são? São todos iguais? Você desenhou onde eles foram encontrados?

A cor do papel que começa era escura.
na parte da terra era mais clara.
na parte da terra era o contrário: clara e
a outra parte era escura. Na metade da terra
achamos um pedaço de cerâmica. Mais profundo
achamos outro pedaço de cerâmica mas a cor
era diferente. Quase no fim da terra achamos
um pedaço de argila. No fim da terra nós
achamos um pedaço de madeira que era
uma tábua de madeira que era como uma
pedra e era escura.



Exemplo de ficha de registro preenchida na realização da escavação-simulada, com objetivo de estimular a observação ao método utilizado em pesquisas arqueológicas de campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMANAQUE MHAB.** Museu Histórico Abílio Barreto. Belo Horizonte. N. 3.
- ATAÍDES, J. M.; MACHADO, L. A.; SOUZA, M. A. T. **Cuidando do Patrimônio Cultural.** Goiânia: Ed. UCG, 1997.
- BEZERRA DE ALMEIDA, M. **Arqueologia vai à escola:** uma experiência com escavação simulada. Rio de Janeiro: CPTV, 2001. 1 videocassete (30 min.): VHS, NTSC, son, color. Port. (Didático).
- _____. **O Australopiteco Corcunda:** as crianças e a Arqueologia em um projeto de Arqueologia Pública na escola. 2002. Tese (Doutorado em Ciências – Concentração em Arqueologia). Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, USP, São Paulo, 2002.
- FANTIN, M. **No mundo da Brincadeira:** Jogo, Brinquedo e Cultura na Educação Infantil. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.
- FARIAS, D. S. **O trabalho de Educação Patrimonial no contexto arqueológico.** In: Anais do I Encontro Sul Brasileiro de Educação Patrimonial. Tubarão, UNISUL, Edição em CD-ROM, 2001.
- FOLHA REGIONAL. **Pequenas Centrais Hidrelétricas conscientizam alunos sobre Patrimônio Arqueológico.** 09/08/06.
- HERBERTS, A. L. & COMERLATO, F. **Uma Viagem ao passado.** 2003 Eletrosul, Scientia Ambiental.
- HORTA, M. L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia Básico de Educação Patrimonial.** Brasília, IPHAN, 1999.
- ITAQUI, J. & VILLAGRÁN, M. A. **Educação Patrimonial:** A Experiência da Quarta Colônia. Santa Maria: Palloti, 1998.
- JORNAL SUL BRASIL. **Hidrelétrica desenvolve projeto de salvamento do patrimônio arqueológico.** 09/08/06, p. 7.
- MACHADO, A. J. **Arqueologia na Sala de aula:** uma experiência realizada na rede municipal de ensino de Ibarama, RS. Revista do CEPA, vol. 28, n. especial. Santa Cruz, UNISC, 2004.
- MORLEY, E. J. **O Presente do Passado. O que é Arqueologia?** Florianópolis: Empreendimento Habitasul, 1992.
- MURCIA, J. A. M. **Aprendizagem através do jogo.** Porto Alegre: Artmed, 2005.
- RAMOS, F. R. L. **A doação do Objeto:** o museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004.
- SCIENTIA AMBIENTAL. **Projeto Arqueologia Preventiva na área de intervenção das PCHs Plano Alto e Alto Irani, SC.** Florianópolis, 2005.

STALLYBRASS, P. **O casaco de Marx**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

VERSIGNASI, A. Como é a escavação de um sítio arqueológico? *In*: **Superinteressante** Especial: Mundo Estranho. Edição 06. São Paulo: Editora Abril, 2002, p. 32-33.